



SAIBA MAIS

**Perderam o título,
entraram para
a história**



Perderam o título, entraram para a história

A lista de campeãs conta uma parte da história do Carnaval carioca. A outra parte aparece nos desfiles que perderam na apuração e, ainda assim, continuaram presentes nas conversas de sambistas, torcedores, compositores, pesquisadores e integrantes das escolas. Alguns ficaram pela força do samba. Outros, pela reação da arquibancada, pela coragem do enredo, por uma imagem específica, por uma solução cênica ou pela sensação de que o julgamento oficial não encerrou a importância daquele desfile.

Em 1983, o Império Serrano voltou à Avenida depois do campeonato histórico de “Bumbum Paticumbum Prugurundum” com “Mãe Baiana Mãe”. O desfile, desenvolvido por Renato Lage a partir de enredo de Fernando Pamplona, homenageou a baiana como figura central da escola de samba, da cultura popular e da formação do Carnaval. O Império terminou em 3º lugar.

A colocação, porém, não diminuiu a presença do samba de Aluizio Machado e Beto Sem Braço no repertório carnavalesco. “Mãe Baiana Mãe” permaneceu como uma das composições mais lembradas da década.



Em 1984, ano de inauguração do Sambódromo, a Vila Isabel apresentou “Pra Tudo se Acabar na Quarta-Feira”, de Fernando Costa. O enredo olhava para quem trabalha na construção do desfile e para o fim da festa depois da apuração. A escola ficou em 5º lugar na segunda-feira e não disputou o Supercampeonato, vencido pela Mangueira. Ainda assim, o samba de Martinho da Vila atravessou o resultado oficial.

A obra seguiu cantada porque reconhece, com precisão e afeto, o trabalho de escultores, pintores, bordadeiras, carpinteiros, costureiras, figurinistas, desenhistas, artesãos, componentes e demais trabalhadores da escola.

Em 1985, a Caprichosos de Pilares levou para a Avenida “E por Falar em Saudade...”, de Luiz Fernando Reis e Flávio Tavares. O desfile usou humor e crítica social para comentar o Brasil no fim da ditadura militar. A escola terminou em 5º lugar, mas o samba conquistou forte adesão popular e ajudou a firmar a imagem da Caprichosos como uma agremiação capaz de tratar política com graça, ironia e comunicação direta com o público.



Em 1989, a Beija-Flor apresentou “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”, de Joãozinho Trinta. O desfile levou para a Sapucaí uma crítica dura ao abandono social e ficou marcado pela imagem do Cristo censurado, coberto por determinação judicial. A Imperatriz Leopoldinense foi campeã com “Liberdade! Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós”, e a Beija-Flor ficou em 2º lugar. Mesmo sem o título, “Ratos e Urubus” se tornou uma referência para discutir censura, desigualdade, ousadia estética e os limites entre julgamento técnico e impacto público.

Em 1995, a Portela apresentou “Gosto que me Enrosco”, de José Félix. O desfile retomou a história da folia carioca, passando por ranchos, blocos, cordões, sociedades carnavalescas e personagens populares ligados à formação do Carnaval. A escola ficou em 2º lugar, atrás da Imperatriz Leopoldinense. O samba de Noca da Portela, Colombo e Gelson seguiu lembrado por muitos portelenses e admiradores da escola,

especialmente pela relação direta com a memória da festa e com a própria identidade carnavalesca do Rio de Janeiro.

Em 1997, a Mocidade Independente de Padre Miguel apresentou “De Corpo e Alma na Avenida”, de Renato Lage. A escola transformou o corpo humano em tema de desfile e construiu uma apresentação marcada por soluções visuais de grande impacto, entre elas a alegoria do coração. A Viradouro venceu aquele Carnaval, e a Mocidade ficou em 2º lugar.

O desfile permaneceu entre os mais lembrados da escola pela força plástica, pelo samba e pela maneira criativa como levou um tema incomum para a Avenida.

Em 1998, a Viradouro tentou o bicampeonato com “Orfeu, o Negro do Carnaval”, de Joãozinho Trinta. O enredo aproximou o mito de Orfeu do morro, do samba e da tragédia urbana.



A escola terminou em 5º lugar, em um ano que teve empate no título entre Beija-Flor e Mangueira. A colocação ficou abaixo da expectativa de parte do público, mas o desfile seguiu comentado pela ambição visual, pela força musical e pela leitura carnavalesca de uma história já associada ao teatro, ao cinema e à música brasileira.

Em 2001, a Beija-Flor apresentou “A Saga de Agotime, Maria Mineira Naê”, desenvolvido por Cid Carvalho, Fran Sérgio, Nelson Ricardo, Shangai e Ubiratan Silva. O enredo contou a trajetória de Nã Agotime, rainha africana ligada ao Daomé, escravizada e levada ao Brasil, onde sua história se relaciona à fundação da Casa das Minas, no Maranhão. A escola ficou em 2º lugar, meio ponto atrás da Imperatriz Leopoldinense, mas o desfile permanece como um dos mais lembrados da era Sambódromo.

Em 2004, a Unidos da Tijuca apresentou “O Sonho da Criação e a Criação do Sonho: a Arte da Ciência no Tempo do Impossível”, de Paulo Barros. A escola ficou em 2º lugar, atrás da Beija-Flor, mas provocou uma mudança importante no modo como o público passou a olhar para alegorias e componentes. O carro do DNA marcou o desfile porque os corpos dos integrantes faziam parte da cena, criando movimento, surpresa e impacto visual diante da arquibancada. A Unidos da Tijuca perdeu o campeonato, mas aquele desfile colocou Paulo Barros no centro do debate sobre invenção cênica na Sapucaí.



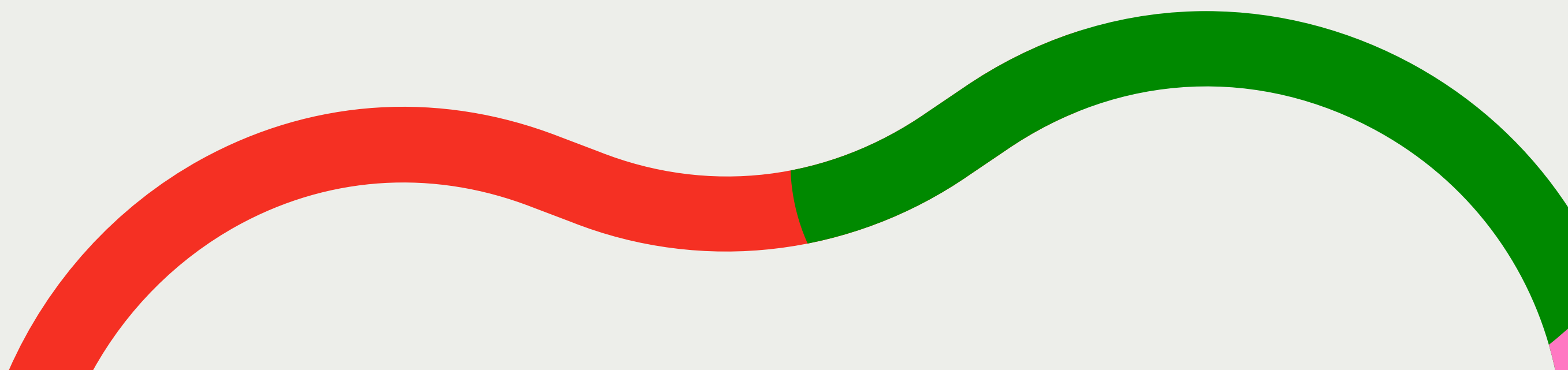
Em 2018, o Paraíso do Tuiuti apresentou “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?”, de Jack Vasconcelos. O desfile discutiu a abolição, a ausência de reparação e as formas contemporâneas de exploração do trabalho no Brasil. A escola terminou em 2º lugar, apenas um décimo atrás da Beija-Flor. As alas dos manifestantes manipulados e a figura do presidente vampiro tiveram grande repercussão pública. O Tuiuti, que não costumava aparecer entre as favoritas ao título, passou a ocupar o centro das conversas daquele Carnaval.

Em 2020, a Grande Rio apresentou “Tata Londirã: o Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias”, de Leonardo Bora e Gabriel Haddad. O enredo homenageou Joãozinho da Gomeia,

babalorixá baiano ligado à história do candomblé, da cultura popular e da Baixada Fluminense. A escola empatou em pontos com a Viradouro, mas perdeu o título no critério de desempate em Evolução. O vice-campeonato reforçou a percepção de que a Grande Rio havia encontrado uma linguagem própria, ligada à pesquisa, à valorização de Caxias e à presença de referências afro-brasileiras na Avenida.

Em 2023, a Viradouro apresentou “Rosa Maria Egipciaca”, de Tarcísio Zanon. O desfile contou a trajetória de Rosa Maria Egipciaca, mulher negra escravizada que viveu no Brasil colonial e é reconhecida como a primeira mulher negra a escrever um livro no país. A escola ficou em 2º lugar, apenas um décimo atrás da Imperatriz Leopoldinense. A apresentação foi lembrada pelo acabamento visual, pela força histórica do enredo e pela escolha de uma personagem ainda pouco conhecida do grande público.

A apuração define a campeã de cada ano, com notas, critérios e desempates, mas o público continua avaliando sambas, imagens, enredos, soluções plásticas, escolhas estéticas e a resposta da Avenida. Por isso, muitos carnavais sem título seguem lembrados com a mesma intensidade de campeonatos. Eles ajudam a entender o Carnaval como disputa, criação artística, memória coletiva e conversa permanente entre escola, arquibancada e cidade.



MINISTÉRIO DA CULTURA E PETROBRAS
APRESENTAM



PETROBRAS
cultural



VISITAÇÃO
29.OUT - 26.JAN
terças a quinta-feiras e domingos
10h às 18h
sextas e sábados
10h às 20h
Cidade do Samba - Gamboa
barracão 14